

## **O IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 PARA OS TRABALHADORES INFORMAIS: Uma Pesquisa de Opinião com os *Bike Boys* da Cidade de Valença/RJ**

Eliane Pereira de Almeida<sup>1</sup>

Márcio de Souza<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo versa sobre os impactos da pandemia da Covid-19 para os trabalhadores informais, tendo em vista que, esse é um tema atual e abrange toda a sociedade. É notável o quanto o setor informal tem ocupado espaço dentro do mercado de trabalho, uma vez que, as oportunidades de empregos formais têm se tornado cada vez menores. Sendo esta uma realidade a ser enfrentada por milhares de brasileiros, surgiu a motivação acerca da temática. Posto isso, busca-se saber quais foram os impactos causados aos trabalhadores informais no contexto pandêmico, visto que suas vidas foram diretamente afetadas pelo novo coronavírus. Assim, tem-se como finalidade conceituar trabalho e trabalho informal, identificar quem são os trabalhadores informais no Brasil e relacionar o trabalho informal com a pandemia causada pela Covid-19. A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho se deu através de uma pesquisa bibliográfica, já o estudo de campo foi do tipo pesquisa de opinião realizada com entregadores que utilizam bicicleta, conhecidos como “*bike boys*” na cidade de Valença. Ao término dessa reflexão pode-se afirmar que os trabalhadores informais, que não possuem direitos e garantias trabalhistas, como seguro social e serviços assistenciais precisaram manter suas rotinas de trabalho colocando suas vidas em risco.

**Palavras-Chave:** Trabalho. Trabalho Informal. Pandemia da Covid-19.

---

<sup>1</sup>Graduada em Serviço Social pelo UGB/FERP.

<sup>2</sup>Doutor em Serviço Social pela PUC.

## THE IMPACT OF THE PANDEMIC OF COVID-19 FOR THE INFORMAL WORKERS: An Opinion Poll with the Bike Boys from Valença/RJ

### Abstract

This article deals with the impacts of the pandemic on informal workers, considering that this is a current issue that reaches the entire society. It is remarkable how much space the sector has occupied within the labor market, as formal employment opportunities have become increasingly smaller. Since this is a reality to be faced by thousands of Brazilians, the motivation for the theme has emerged. That said, the aim is to find out what were the impacts caused to informal workers in the pandemic context, as their lives were directly affected by the new coronavirus.

Thus, the purpose is to conceptualize "work" and "formal work", identify who are informal workers in Brazil and relate informal work to the pandemic caused by Covid-19. The methodology used for the elaboration of this work was done through a bibliographical research, while the field study was of the opinion poll type carried out with delivery men who travel by bicycle, known as bike boys in Valença. At the end of this reflection, it can be said that informal worker who do not have labor rights and guarantees, such as social insurance and assistance services needed to maintain their work routines, putting their lives at risk.

**Keywords:** Work. Informal Work. Covid-19 Pandemic.

### Introdução

A pesquisa em tela delimita-se a realizar um estudo acerca do trabalho informal no contexto da pandemia causada pela Covid-19. Percebe-se de maneira explícita o crescimento do setor informal dentro do mercado de trabalho durante a chegada do novo coronavírus, tendo em vista que, milhares de brasileiros tiveram as suas rotinas modificadas e precisaram adaptar-se à informalidade como meio de sobrevivência. Posto isso, busca-se responder a seguinte indagação: quais os impactos da Covid-19 para os trabalhadores informais?

A escolha do tema "trabalho informal" se originou do fato de ser uma questão que vem sendo muito discutida no atual cenário pandêmico, além de, não se

relacionar somente com aqueles que são denominados como informais, mas com toda a população brasileira. A temática dessa pesquisa é de suma importância, sobretudo para o setor acadêmico do Serviço Social, pois fundamentalmente agregará conhecimento aos professores e alunos, assim como, irá integrar e contemplar outros estudantes, professores, assistentes sociais, profissionais de diversas áreas, usuários, etc., pois se trata de um tema relevante que abarca a totalidade. Sabe-se que há uma grande variedade de artigos a respeito do trabalho informal, no entanto, tratar a informalidade na conjuntura corrente marcada pela pandemia da Covid-19 é algo novo e desafiador, posto que, será essencial para o trabalho do assistente social.

Esta pesquisa tem como objetivo geral apresentar os impactos da pandemia da Covid-19 para os trabalhadores informais. No que se refere aos seus objetivos específicos, a mesma busca conceituar trabalho e trabalho informal; identificar quem são os trabalhadores informais no Brasil; relacionar trabalho informal e pandemia da Covid-19.

Dessa forma, o estudo foi pautado na metodologia de pesquisa bibliográfica, através de levantamento de referências em livros, artigos, teses, revistas eletrônicas e em vídeos de autores conceituados que rebatem sobre o tema. Bem como, se deu por meio de estudo de campo do tipo pesquisa de opinião, onde foi realizada uma pergunta aos entregadores que utilizam bicicleta, conhecidos como *bike boys* na cidade de Valença, Rio de Janeiro no mês de setembro de 2021. Como base teórica foram usados diversos autores, dentre eles podemos mencionar: ANTUNES (2009, 2012, 2020), TAVARES (2002), SABINO (2014), MELO (2020) e LIMA (2020).

Assim, será abordado inicialmente o conceito de trabalho e trabalho informal, onde será falado a respeito do sistema capitalista, bem como, o processo de reestruturação produtiva. Além de, tratar acerca da nova morfologia do trabalho e da precarização. Em seguida será feita a relação dos trabalhadores informais com a Covid-19, apontando os principais impactos causados pela pandemia, e, num terceiro momento, serão apresentados os dados da pesquisa de opinião, e por fim as considerações finais.

## **Trabalho: entendendo o seu conceito**

O trabalho, de acordo com Karl Marx (1985 apud SABINO, 2014, p. 137-138) seria a interação existente entre o homem e a natureza, onde o homem possui o objetivo de transformar a natureza, a fim de, produzir os bens necessários à sua sobrevivência, sendo assim, ao transformar a natureza pelo trabalho o homem também se transforma. Desse modo, entende-se que não existe trabalho sem a interação homem e natureza, visto que, ao suprimir a natureza, suprime-se a base que concede a existência da vida humana e os meios para que o homem se reproduza. Marx (1985) explica que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1895 apud SABINO, 2014, p.136)

Com base nisso, pode-se afirmar que o trabalho é a base da sociabilidade humana, é a categoria que funda o ser social, pois é por meio dele que acontece a interação homem e natureza, bem como a interação homem e homem. Tal como, é por meio do trabalho que o homem constrói materialmente a sociedade e se constrói particularmente como indivíduo, dando origem a reprodução da vida social. Importante salientar que o trabalho constitui o ser social, mas este não pode ser reduzido apenas ao trabalho.

Sabino (2014) explica sobre o processo de objetivação, mostrando que antes da concretização do trabalho o homem primeiro idealiza o seu produto final, arquiteta na mente o que deve ser realizado e como deve ser feito, e finalmente executa como demonstra Marx (1985):

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente” (MARX, 1985 apud SABINO, 2014, p. 137)

O autor José Paulo Netto (2020) ao discursar sobre trabalho no vídeo<sup>3</sup> reitera que, o homem se desenvolve a medida que desenvolve o seu sistema de objetivação, reafirmando que, o homem é antes de tudo um ser prático e social, e é a partir do trabalho que o ser humano se diferencia da natureza e dos demais seres vivos. Com base nisso entende-se que o trabalho é uma função desempenhada especificamente pelo homem.

Contudo, Marx (1985, apud BESERRA et. al., 2015) explica que a partir do surgimento do sistema capitalista o trabalho ganha novas formas de se desenvolver, ele passa a ser visto como reprodução social, possibilitando assim as capacidades humanas, as forças produtivas e as relações sociais, fazendo com que ocorram transformações no seio do trabalho que não se limitam à sua finalidade imediata. Os autores complementam dizendo que não se trata de um processo simples do trabalho, pelo contrário, trata-se da permanência de um processo de produção capitalista que foi se renovando ao longo do tempo e intensificando a exploração da classe trabalhadora, conforme Tavares (2009 apud PRATES, 2014, p.188) “na sociedade capitalista, a vida do trabalhador não impõe limites à produção”.

De acordo com Marx (2006 apud ARBIA, 2019, p.39) “o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é do que força de trabalho, que todo o seu tempo disponível é, por natureza e por lei, tempo de trabalho, a ser empregado no próprio aumento do capital.”, com isso, o indivíduo não possui tempo para realizar outras tarefas relacionadas à vida em sociedade. Nota-se que o trabalhador vive em função do crescimento e prevalência do capital, esquecendo-se de si mesmo, como ressalta novamente Marx (2006):

---

<sup>3</sup>Vídeo “O que é trabalho para Marx” (2015) reproduzido pelo canal: Para a crítica da nossa sociedade – José Paulo Netto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jWamCheyxKM&t=2s>. Acesso em: 14 jul. 2020.

[...] a produção capitalista, que essencialmente é produção de mais-valor (...) ocasiona o esgotamento prematuro e a morte da própria força de trabalho. Aumenta o tempo de produção do trabalhador num período determinado, encurtando a duração da sua vida (MARX, 2006 apud ARBIA, 2019, p. 39)

Antunes (2009) ao se referir sobre o capital elucida que o sistema necessita “[...] cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das mais diversificadas formas de trabalho parcial ou *part-time*, terceirizado, que são em escala crescente, parte constitutiva do processo de produção capitalista” (ANTUNES, 2009, p.119). A acumulação capitalista se solidifica na vigência de um processo de superexploração da força de trabalho, caracterizado pelos baixos salários, ritmos de produção intensificados, jornadas de trabalho prolongadas, combinando uma extração tanto da mais valia absoluta<sup>4</sup> quanto da mais valia relativa<sup>5</sup>, como afirma Loyola (2009, p. 132).

Segundo Faria e Kremer (2004) o início dos anos de 1970 foram marcados pelo processo de reestruturação produtiva que seria um novo modelo de acumulação flexível, denominado como Toyotismo<sup>6</sup>. Seus ideais pautavam-se na precarização do trabalho, principalmente, no que concerne ao trabalho informal, tinham como prioridade o investimento em tecnologias microeletrônicas, visando uma maior flexibilidade dentro e fora da empresa, como a criação de laços com outros empresários denominada como “terceirização” e “subcontratação”, em que se

---

<sup>4</sup>Na mais valia absoluta, o capitalista apropria-se do excedente econômico que é gerado por meio do aumento da jornada de trabalho, onde o empregado trabalha além do necessário para a sobrevivência e não é remunerado por isso (MORAES, 2019, online).

<sup>5</sup>Na mais valia relativa, o capitalista faz melhorias nos processos técnicos de trabalho para que acelere a produção e que ela se torne mais eficiente, assim o trabalhador irá produzir mais em menos tempo. Com isso, o trabalhador irá realizar além do necessário para sua subsistência e o capitalista irá deter o excedente das horas não pagas (MORAES, 2019, online).

<sup>6</sup> A principal manifestação deste modelo é a degradação dos padrões de compra e venda da força de trabalho, pois ele não representava apenas a produção de mercadorias, seria também uma reposta do próprio capital frente à crise do modelo fordista de acumulação, com isso, via-se o trabalho ganhando novas formas de organização e de adaptação. A redução da taxa de lucro, a intensificação da força de trabalho, a queda do alto consumo, o aumento do mercado externo, a brusca elevação do preço do petróleo que influenciou no encarecimento dos produtos, foram alguns dos aspectos que colaboraram para o enfraquecimento do modelo fordista, dando espaço para esse novo modo de produção. (FARIA E KREMER, 2014)

objetivava uma gradativa redução de custo. Busnello (s/d, p. 28) salienta que “[...] com essas características da nova base tecnológica, estamos passando da produção em massa de inspiração fordista [...] à produção flexível.”, pautando-se em dois princípios, o *just-in-time*<sup>7</sup> e o *kanban*<sup>8</sup>.

Para Antunes (2012) foi a partir dos anos de 1990 que o processo de reestruturação produtiva do capital no Brasil se acirrou, pois a desregulamentação dos direitos sociais, a disseminação da terceirização e as novas formas de gestão da força de trabalho se intensificaram. Houve dois elementos que influenciaram de modo direto a informalidade nesse contexto, o primeiro compete ao crescimento econômico baixo e instável, o segundo vincula-se as mudanças oriundas do capitalismo contemporâneo que sucedeu em uma progressiva flexibilização das relações de trabalho, como destacam Krein e Proni (2010 apud VASCONCELOS; TARGINO, 2015).

Os autores Ramos e Ferreira (2005 apud VASCONCELOS; TARGINO, 2015) explicam que esse crescimento se deu pelas negociações trabalhistas à margem da legislação. Já Oliveira (2011 apud VASCONCELOS; TARGINO, 2015) faz alguns apontamentos acerca da expansão do setor informal, como o aumento progressivo do desemprego e a não fiscalização das leis trabalhistas por parte do Estado. Costa (2010) conta que neste período da história houve a perda de cerca de 3,3 milhões de postos de trabalho formais, o que contribuiu diretamente para a expansão da informalidade no país, desta forma, milhares de pessoas precisaram ocupar os postos informais, que segundo a autora seria “aquele não regulamentado pelo ordenamento legal do trabalho no país, sobre o qual, inclusive, a sociedade construiu sua política de seguridade social” (COSTA, 2010, p. 175).

O trabalho informal é um dos fenômenos oriundos do sistema capitalista presente no mundo, sua dualidade e heterogeneidade são problemas histórico-estruturais. Ele pode ser compreendido como uma arma do capital para obter maiores lucros e ao mesmo tempo provocar uma divisão política da classe

---

<sup>7</sup> Em que se produziria somente a quantidade de produtos a serem vendidos. (FARIA E KREMER, 2014).

<sup>8</sup> Em que uma equipe dirigiria comandos a outra especificando quais as peças necessárias para dar prosseguimento na produção. (FARIA E KREMER, 2014).

trabalhadora. Como declara Tavares (2002), à medida que muitos trabalhadores se deixam seduzir pelo mito da “autonomia” acabam por mascarar o real significado do desemprego, bem como, cooperam com a ordem ideológica dominante, auxiliando para o seu crescimento e solidificação. Tavares (2002, p. 52) sustenta que “qualquer argumento que defenda a autonomia do “setor informal” não se funda na prática social”, pois, tem-se a consciência que os trabalhadores informais estão subordinados ao modo de produção capitalista.

O conceito de informalidade não se restringe a quebra de laços formais de contratação e regulação das relações de trabalho, como o registro da carteira de trabalho dentro da Consolidação das Leis de Trabalho – CLT, pois ele abrange aos trabalhadores empregados no setor privado sem carteira assinada, aos empregados domésticos sem carteira assinada, aos empregadores sem registro no CNPJ, aos trabalhadores por conta própria sem registro no CNPJ e aos trabalhadores familiares auxiliares, como explica Barão (2020)<sup>9</sup>. Contudo, há ainda outros indicadores que influenciam na compreensão desse termo, que são a população ocupada, a população desocupada, a população na força do trabalho, a população fora da força de trabalho e a população desalenta.

Segundo Antunes (2012), a “nova morfologia” do trabalho abrange os mais distintos e diversificados modos de ser da informalidade, o que coopera para a expansão e intensificação do trabalho inviabilizado. Um primeiro modo de ser da informalidade se remete aos trabalhadores informais tradicionais, estes que vivem de sua força de trabalho e buscam obter uma renda para consumo individual e familiar e que estão “[...] inseridos nas atividades que requerem baixa capitalização” (ANTUNES, 2012, p. 15). Ou seja, são os prestadores de serviços, empregados domésticos, pedreiros, costureiras, vendedores (de alimentos, roupas).

---

<sup>9</sup>A população ocupada (pessoas que trabalharam ao menos 1 hora completa na semana da pesquisa), a população desocupada (pessoas que não trabalharam, mas procuraram emprego nos 30 dias anteriores à semana da pesquisa), a população na força do trabalho (pessoas com 14 anos ou mais na semana da pesquisa que estavam ocupadas ou desocupadas), a população fora da força de trabalho (pessoas com 14 anos ou mais na semana da pesquisa que não estavam nem ocupadas, nem desocupadas) e a população desalenta (pessoas que não trabalharam na semana da pesquisa e gostariam de ter um emprego, mas desistiram de procurar) (BARÃO, 2020, online). Disponível em: <https://www.politize.com.br/trabalho-informal/>. Acesso em: 24 mar. 2021.



Há também os informais mais “instáveis” caracterizados pela baixa qualificação e pela força física, geralmente são contratados temporariamente e remunerados por serviço realizado, que são os carregadores, carroceiros, serviços gerais. Ainda dentro dessa categoria existem os “ocasionais” ou “temporários” que “desenvolvem atividades informais enquanto estão desempregados ou esperam uma oportunidade de retornar ao trabalho assalariado” (ANTUNES, 2012, p. 15), pois iniciaram de forma provisória e ao percorrer do tempo fixaram-se nesses postos, já que, ora estavam empregados formalmente, ora não, que são os camelôs, faxineiras, salgadeiras. Em ambos os casos, não há horário fixo de trabalho, para que o trabalhador consiga aumentar sua renda é necessário que ele use suas horas vagas.

Um segundo modo de ser da informalidade se configura nos trabalhadores informais assalariados sem registro na carteira que ficam à margem da legislação trabalhista. “Uma vez que perderam o estatuto de contratualidade e passaram da condição de assalariados com carteira para a de assalariados sem carteira” (ANTUNES, 2012, p. 16), dessa maneira, perdem os direitos previstos para aqueles que possuem contrato formal de trabalho, um exemplo é a indústria têxtil.

Um terceiro modo de ser da informalidade concerne-se na prática dos trabalhadores informais por conta própria, “que podem ser definidos como uma variante de produtores simples de mercadorias, contando com sua própria força de trabalho ou de familiares e podendo até subcontratar força de trabalho assalariada” (ANTUNES, 2012, p. 16). Vale ressaltar que, são pequenos negócios que não possuem chances de concorrer com as empresas capitalistas. Posto isso, compreende-se que “[...] esses diversos modos de ser da informalidade no Brasil [...] parecem assumir [...] um importante elemento de ampliação, de potencialização e mesmo de realização do mais-valor” (ANTUNES, 2012, p. 17).

O cenário atual é marcado por uma nova era de precarização estrutural do trabalho, como desvenda Antunes (2015) através das quatro seguintes pontuações. A primeira compete à deterioração do trabalho contratado e regulamentado e o surgimento do trabalho atípico, precarizado e voluntário; a segunda refere-se à criação de “falsas” cooperativas que tem como finalidade intensificar a exploração da

força de trabalho; a terceira dirige-se ao “empreendedorismo” que se solidifica cada vez mais com aparência oculta de trabalho assalariado e desenvolve diferentes contornos de flexibilização, por fim, a quarta relaciona-se com a degradação acirrada do trabalho imigrante em escala global.

Antunes (2015) explica que nessa fase de mundialização do capital “a redução do proletariado taylorizado [...] e a paralela ampliação do trabalho intelectual caminham em clara inter-relação com a expansão dos novos proletários” (ANTUNES, 2012, p. 21). Dessa maneira, percebe-se que o trabalho vivo vem sendo substituído pela esfera tecnológica, a era da digitalização. Durante a *live*<sup>10</sup>, Antunes (2020) conta que o trabalho uberizado seria as novas experimentações do capital, estas que se fundamentam no autodesenvolvimento tecnológico tendo como objetivo a transformação de trabalhadores em prestadores de serviço, bem como, a redução de gastos.

No que tange ao conceito de precarização, Lima (2020, p. 2) explana que o mesmo “tem sido utilizado para designar perdas nos direitos trabalhistas e sociais ocorridas no contexto das reconfigurações do trabalho sob a égide do neoliberalismo e do Estado mínimo”, assim, concluí-se que se trata de uma política que tem norteado e reestruturado as relações de trabalho. A autora explica que não é algo novo, do agora, ela faz parte da conjuntura social desde as origens do capitalismo, contudo, nas últimas três décadas ela se acentuou e tomou novas formas, especialmente, nos países periféricos, a informalidade, por sua vez, caminhou junto com a precarização e o desemprego, onde emergiu novos trabalhos intermitentes e flexíveis, intensificando ainda mais a desigualdade social.

### **Covid-19 e os trabalhadores informais no Brasil**

De acordo com o site Estado de Minas<sup>11</sup> (2020), no dia 31 de dezembro de 2019 o governo chinês fez um alerta de um novo coronavírus, pois estava surgindo

---

<sup>10</sup>Live “Trabalho remoto e a precarização do ensino” (2020) reproduzido pelo canal: SINDSIFCE SINASEFE – Ricardo Antunes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HocXwKQ7kg&t=3591s>. Acesso em: 10 jul. 2020.

<sup>11</sup> Matéria escrita por Rafael Alves disponível no site Estado de Minas – Tudo sobre o coronavírus – Covid – 19: da origem à chegada ao Brasil. Disponível em:

uma série de casos de pneumonia de origem desconhecida em Wuhan<sup>12</sup>. Logo foi descoberto que se tratava de um novo vírus que recebeu o nome técnico de Covid-19, este que apresentou desde o início alto nível de transmissibilidade tendo o primeiro caso confirmado no Brasil dia 26 de fevereiro de 2020 e a primeira morte no dia 17 do mês seguinte de uma empregada doméstica<sup>13</sup>, de 63 anos, que esteve em contato direto com sua patroa que chegou da Itália e testou positivo ao Covid-19. Como medida de prevenção o Governo decretou medidas de confinamento e de contenção social para que o vírus não se propagasse de forma rápida e severa, onde diversos trabalhadores tiveram de optar pelo *home office* e aderir ao sistema de vendas *delivery*, tal como, muitos encontraram-se sem qualquer renda mensal.

Como resposta urgente para a crise pandêmica, foi implementado o Auxílio Emergencial instituído pela Lei 13.982, sendo ele um benefício assistencial<sup>14</sup> temporário, pago a trabalhadores informais e maiores de idade que não possuem fonte de renda e que estejam no grupo de vulneráveis<sup>15</sup> (ALVARES, Lais B. O., et al., 2020). A princípio o valor estabelecido foi de R\$ 600,00 por mês para até dois membros da mesma família, tendo em vista que, a mulher chefe de família tinha o direito de receber em dobro o benefício emergencial. No entanto, depois das cinco parcelas pagas o Governo fez um reajuste no valor do auxílio que passou a ser no valor de R\$ 300,00 durante quatro meses, atualmente ele foi modificado mais uma vez e o seu valor varia de R\$ 150,00 a R\$ 350,00, dependendo da família, conforme elucidam as autoras. No entanto, muitos trabalhadores informais mesmo possuindo o direito, não conseguiram acessá-lo, e, alguns conseguiram depois de muitas

---

[https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna\\_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml). Acesso em: 10 Mai. 2021.

<sup>12</sup> Cidade chinesa com mais de 11 milhões de habitantes onde surgiu o surto do coronavírus, de acordo com BBC News Brasil – Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51216386>. Acesso em: 5 Mai. 2021.

<sup>13</sup>Benedita da Silva: Trabalhadora doméstica e o coronavírus dos patrões. Disponível em: <https://pt.org.br/benedita-da-silva-trabalhadora-domestica-e-o-coronavirus-dos-patroes/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

<sup>14</sup>Por ser um benefício assistencial não precisa que haja a qualidade de segurado por parte do beneficiário.(ALVARES, Lais B. O., et al., 2020)

<sup>15</sup> As pessoas que fazem parte do cadastro de Microempreendedores Individuais (MEI), os contribuintes individuais do INSS, autônomos e trabalhadores informais que não recebem nenhum outro benefício do Governo Federal (com exceção do Bolsa Família) estão aptos a receber o benefício. (ALVARES, Lais B. O., et al., 2020)

tentativas, devido aos problemas no processo de cadastramento e solicitação do auxílio emergencial.

O número de pessoas desempregadas alcançou a 14,1 milhões no trimestre encerrado em outubro de 2020, o que representa a 7,1%<sup>16</sup> a mais se comparado ao trimestre anterior, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Com isso a taxa de desocupação atingiu a 14,3%, no que se refere à população ocupada houve um aumento<sup>17</sup> de 2,8%, totalizando a 84,3 milhões de pessoas. Em relação aos empregados do setor privado sem registro na carteira alcançaram a marca de 9,5 milhões<sup>18</sup>, no tocante aos trabalhadores por conta própria sem CNPJ sucedeu um acréscimo de 918 mil relativo ao trimestre terminado em julho. Posto isso, a taxa de informalidade veio a 38,8% da população ocupada, o que corresponde a 32,7 milhões de trabalhadores informais no Brasil, no trimestre anterior, essa taxa foi de 37,4%.

Apesar da Covid-19 não fazer distinções entre os infectados, os impactos causados pela doença na realidade desses indivíduos não é a mesma, como enuncia Borba e D'Angelo (2020, p. 267) “os mais privilegiados enfrentam esse período difícil na história humana no conforto de suas casas, despreocupados e relativamente seguros, enquanto há outros que não sabem nem se haverá comida na mesa”, dessa forma, os trabalhadores informais, que não possuem direitos e garantias trabalhistas, como seguro social e serviços assistenciais precisam manter suas rotinas de trabalho colocando suas vidas em risco. Isso evidencia que o país não possui um sistema de proteção social eficiente e que abranja a totalidade social, como evidenciam as autoras:

Na lógica neoliberal que vigora no Governo, a economia é mais importante que os trabalhadores; ora, o trabalhador é “substituível”, demite-se um, mas existem outros mil para ocupar o cargo vago. Não obstante, ao mesmo tempo, nomes ligados ao Governo urgem aos

---

<sup>16</sup> Ocorreu um aumento de aproximadamente 931 mil pessoas em relação ao trimestre terminado em julho, de acordo com o IBGE.

<sup>17</sup> Esse aumento está relacionado ao trimestre anterior, momento em que muitos trabalhadores que estavam afastados retornaram a sua rotina de trabalho, sendo a maioria destes decorrentes do setor informal, conforme o IBGE.

<sup>18</sup> Aumento de 9% no que se refere ao trimestre anterior, segundo o IBGE.

empregados que não parem de trabalhar, para não comprometer a economia nacional, entrando em um paradoxo inexplicável: os trabalhadores são substituíveis ou são o que mantém a economia funcionando? (BORBA; D'ANGELO, 2020, p. 263)

Melo (2020, p.1) afirma que “não estamos juntos no mesmo barco”, apesar de que todos estão expostos e suscetíveis ao novo coronavírus, os que mais têm suas vidas afetadas pela pandemia são aqueles que se encontram em estado de precarização e instabilidade, como os vendedores ambulantes, camelôs, artesãos, condutores de motos e bicicletas alugadas, estes que são chamados de informais, autônomos, temporários, microempreendedores e intermitentes. Neste cenário pandêmico, esses trabalhadores por imperativos da sobrevivência, submetem-se cada vez mais à flexibilização, terceirização e a intermitência. Contudo, não foi a Covid-19 que ocasionou essa tragédia no mundo do trabalho, pois o que ela fez foi desvendar a forma pela qual o capitalismo já vinha se desenvolvendo neste século XXI, tanto quanto para revelar que a desigualdade social é um problema estrutural e está condicionada a ideologia neoliberal, como aponta Antunes (2020)<sup>19</sup>. Assim, as relações empregatícias que antes já eram precarizadas e instáveis tornaram-se ainda mais inflexíveis e precárias com a chegada da Covid-19, onde ocorreu o desemprego em grande escala e o aumento do trabalho informal, em que um possui relação com o outro. Pois na medida em que estes trabalhadores foram perdendo seus empregos precisaram se adaptar as novas relações de trabalho, passando a enxergar o setor informal como uma alternativa de obtenção de renda.

O número de trabalhadores de plataformas digitais e aplicativos cresceram demasiadamente no decorrer da pandemia do novo coronavírus<sup>20</sup>, onde há um

---

<sup>19</sup>Live “Pandemia desnuda perservidades do capital contra trabalhadores” reproduzido pelo canal Brasil de Fato. Ricardo Antunes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-DW1GSqNMg>. Acesso em: 23 Mai. 2021.

<sup>20</sup> Cerca de 11,4 milhões de brasileiros inseriram-se nas plataformas de aplicativos no início da pandemia. No entanto, esse número cresceu demasiadamente durante a crise ocasionada pela Covid-19, pois atualmente conta-se aproximadamente 32,4 milhões que equivale a 20% da população adulta de trabalhadores que fazem uso de algum aplicativo para trabalhar, conforme a CNN Brasil. Acesso em: Ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/cerca-de-11-4-milhoes-de-brasileiros-dependem-de-aplicativos-para-ter-uma-renda/>.

registro significativo de pessoas que se inseriram na chamada era da uberização<sup>21</sup>, a fim de que, não permanecessem sem nenhuma fonte de renda. No entanto, é com a expansão das tecnologias de informação e comunicação que se amplia ainda mais a precarização, onde é perceptível a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto<sup>22</sup>, como elucida Antunes (2020). Dessa forma, nota-se que a sociedade vem sendo submetida à dinâmica concorrencial e mercantil, em que o indivíduo se enxerga como empresário de si mesmo e se configura a partir do modelo de empresa, este que possui preceitos da teoria neoliberal e colabora para a expansão do próprio capital.

A onda do “empreendedorismo” ganhou muito mais força durante a pandemia da Covid-19, em que diversos trabalhadores passaram a acreditar na possibilidade de inserção econômica no novo mundo do trabalho do século XXI, onde seriam gestores do seu próprio negócio. No entanto, o que ocorre é que camuflam a realidade marcada pelo desemprego e pelo enfraquecimento das políticas trabalhistas e sociais. Para Dalle (2020):

A instabilidade permanente vira uma forma de vida para trabalhadores que estão na informalidade [...]Essas pessoas fazem inúmeras coisas ao mesmo tempo e podem mudar tudo no dia seguinte. Assim, isso que estão chamando de 'empreendedorismo' nada mais é que uma gestão para garantir a sobrevivência. Se a pessoa que está na informalidade não fizer isso, ela morre (DALLE, 2020 apud LIMA, 2020, p. 2)

Nota-se que os trabalhadores autônomos estão cada vez mais suscetíveis às irregularidades, como destaca Antunes (2020 apud LIMA, 2020, p. 4,) “milhares de “colaboradores” foram demitidos, “parceiros” foram induzidos a escolher entre a redução do salário ou o desemprego e os pequenos empreendedores, sem encontrar consumidores, estão vendo sua renda minguar”. Desta maneira, é possível avaliar que o trabalhador tem ocupado um lugar onde é necessário escolher

---

<sup>21</sup>A “uberização” remete-se diretamente à Uber, no entanto este termo não se limita a ela, pois tem sido utilizado em sentido amplo como uma tendência global que alcança diversas ocupações com diferentes qualificações e rendimentos. Assim, nota-se que esse novo modelo de organização e gestão do trabalho está associado à ideologia neoliberal (OLIVEIRA, 2020).

<sup>22</sup> Substituição das atividades humanas por ferramentas automatizadas sob o comando informacional-digital. (ANTUNES, 2020)

entre ter direitos ou ter emprego, mesmo que esse emprego seja com jornadas de trabalho longas e sem garantias previdenciárias.

Segundo Koury (2020, p. 2) “a crise da Covid-19 no mundo e no Brasil, assim sendo, só pode ser compreendida ao ser analisada como uma crise do neoliberalismo”, onde é possível ver uma política de segregação e desigualdade que atua em prol da consolidação e expansão do capitalismo financeiro. Bem como, visa o desmonte dos direitos e coopera para o individualismo, a competição e a busca por lucro sem limites no mercado financeiro.

### **O impacto da pandemia da Covid-19 para os bike boys da cidade de Valença**

A fim de compreender o olhar dos trabalhadores informais que atuam como entregadores, tidos como *bike boys*, a respeito dos impactos causados pela pandemia da Covid-19 em seu ambiente de trabalho foi realizada entrevistas do tipo pesquisa de opinião em Valença - Rio de Janeiro, no mês de setembro de 2021. Para a realização da pesquisa foi realizado uma busca acerca das empresas existentes em Valença que atuam nesse ramo, assim, foram encontradas duas, sendo elas, a Nova Boys e a Jet Entregas.

A Nova Boys não possui aplicativo e utiliza o whatsapp para organizar os pedidos e entregas, bem como, possuem um local de encontro, a chamada base. Já a Jet Entregas, possui dois aplicativos, um destinado aos entregadores, aqueles que possuem interesse em trabalhar como um *bike boy*, e, outro aos clientes que desejam contratar o serviço da empresa. Importante ressaltar que esta empresa não possui um espaço físico para os trabalhadores, dessa forma, cada entregador fica aguardando as solicitações em sua residência, outro ponto importante é que a Jet Entregas também contrata motoristas de moto e carro. E há ainda aqueles que não estão filiados a nenhuma empresa, prestam serviço aos comércios da cidade, mas não estão subordinados a nenhum aplicativo ou grupo.

A pesquisa foi aplicada há dez trabalhadores, sendo cinco integrantes da Nova Boys, um da Jet Entregas e quatro que atuam de forma autônoma, vale

destacar que um deles já prestou serviço para a Nova Boys. No que tange as características dos entrevistados, todos trabalham informalmente, são do sexo masculino, assim como, as idades variam de 16 a 40 anos. A abordagem foi feita de maneira espontânea nas ruas da cidade, onde primeiro foi apresentado o objetivo da pesquisa e então foi realizada a seguinte pergunta “Quais os impactos da pandemia da Covid-19 no seu trabalho?”. Os mesmos não terão seus nomes divulgados nos fragmentos das respostas, somente suas idades para possível reflexão, e, serão identificados por B.01, B.02, B.03, B.04, B.05, B.06, B.07, B.08, B.09, B.10.

Ao realizar a pergunta foi possível observar que os entrevistados, em sua maioria, apresentaram dificuldade para a compreensão da mesma. Sendo assim, foi explicada a idéia central deste artigo e a finalidade da pesquisa de campo, mostrando que, pretendia-se conhecer o modo como eles enxergavam a sua atuação, sendo ela informal, no atual cenário marcado pela pandemia da Covid-19.

A partir dos depoimentos dos *bike boys* pode-se perceber que, o desemprego durante a pandemia fez com que diversos trabalhadores se ingressassem no setor informal por imperativos de sobrevivência, como se pode verificar nas falas a seguir:

Antes da pandemia a minha vida era muito simples, só que com a pandemia [...] eu comecei a perceber que as coisas não são tão simples assim [...] eu com vinte e cinco anos de comércio quando chegou a pandemia tudo para mim acabou, o comércio fechou, eu fazia locução, jornalista, editor de áudio, analista de conteúdo, radialista [...] Quando veio a pandemia tudo acabou, eu com quatro filhos, dois enteados, duas netas, esposa para cuidar, e a minha situação e a de todos que estavam aqui foi a mesma [...] (BB. 1 – 40 anos)

[...] depois da pandemia o trabalho ficou mais complicado (B.3 – 19 anos)

[...] Comecei a trabalhar aqui na pandemia, eu estava sem emprego [...] eu estava precisando de dinheiro, eu tenho um filho de dois anos [...] e não tinha como pagar pensão [...] (B.4 – 22 anos)

[...] eu comecei a trabalhar pra ajudar a família, meu pai não está trabalhando, minha mãe está trabalhando, mas só tem ela [...] aí pra ajudar a casa consegui um servicinho aqui [...] (B. 5 – 16 anos)



[...] fiquei quatro anos e oito meses no cárcere, antes eu trabalhava [...] quando eu saí para procurar emprego [...] por causa da pandemia ninguém estava empregando e por causa também do processo [...] aí eu tive que dá o meu jeito de arrumar um serviço informal que é sem carteira assinada [...] -(B.8 – 28 anos)

Nota-se que as falas acima remetem ao que Melo (2020) discute sobre os trabalhadores informais e a Covid-19, onde afirma que, apesar de todos estarem expostos ao vírus, infelizmente os mais afetados são aqueles que não possuem um trabalho formalizado e se encontram em estado de grande precarização. Dessa forma, cresce cada vez mais o número de pessoas inseridas na nova uberização já que precisam de uma fonte de renda para sobreviver, mesmo que esta seja precária e instável (ANTUNES, 2020).

De acordo com Antunes (2012) os trabalhadores informais mais “instáveis” são aqueles tipificados pela baixa qualificação, contratados de forma temporária e remunerados por serviço prestado. Vale frisar que estes não possuem horário fixo de trabalho e realizam longas jornadas de trabalho para aumentar a renda, como se pode notar nos seguintes relatos:

[...] em qualquer hora e qualquer ocasião eu estou trabalhando [...] trabalho das 14h até as 21h [...] aí consigo uma renda legal [...]. (B.2 – 19 anos)

[...] a gente vai tentando melhorar a empresa, fazendo mais entregas pra gente poder ganhar mais também [...].(B.4 – 22 anos)

[...] trabalhei dois meses [...] de manhã, de tarde e de noite, não tinha horário de almoço [...] chegava lá 8h e saia 21:40h [...].(B.6 –22 anos)

[...] eu trabalho muito [...] geralmente começo a trabalhar 8:30h da manhã e vou até as 23h ou 00:00h, depende do dia [...]. (B.10 – 40 anos)

Assim como, é possível constatar que, mesmo o trabalhador dedicando muitas horas do seu dia ao seu trabalho, não alcança “segurança” e “estabilidade”, pois estará cada vez mais vulnerável às irregularidades e a precarização, conforme (2020 apud LIMA, 2020, p. 4). Como se pode ver nas falas abaixo:

[...] essa questão de instabilidade eu sempre continuo mesmo doente [...]  
[...]eu sempre continuo rodando [...]. (B.9 – 17 anos)

[...] a gente que faz a nossa própria segurança [...] totalmente seguro  
não é não [...] eu trabalho muito [...]. (B.10 – 40 anos)

Além disso, ocorre também dentro desse espaço de trabalho outro fator a ser enfrentado pelos *bikes boys*, a desvalorização profissional e o preconceito com a categoria, vejamos os depoimentos:

[...] às vezes a gente chega para fazer a entrega e o dono do estabelecimento não gosta por ser bicicleta [...] acaba reclamando [...] acham que demoram mais, mas na verdade demora menos e ainda é mais barato [...]. (B.6 – 22 anos)

[...] muito preconceito contra nós que saímos do cárcere [...] não vê que a gente quer melhorar, ressocializar [...] olham para o processo, mas não olham para a pessoa, o ser humano [...]. (B.8 – 28 anos)

A informalidade acaba se tornando um meio de sobrevivência, os trabalhadores por sua vez, se adéquam a esse trabalho instável e fazem dele um emprego permanente, como explica Dalle (2020 apud LIMA, 2020). Posto isso, é perceptível como alguns entrevistados demonstraram possuir um discurso acrítico acerca da realidade, onde não conseguem enxergar as debilidades que seu trabalho lhes apresenta e expressam desejo de permanecer em seus postos, conforme a seguir:

[...] eu gosto desse emprego [...]. (B.2 – 19 anos)

[...] to completando um ano aqui na empresa, aí desde disso só venho pensando no meu crescimento aqui na empresa, cada dia quero crescer mais aqui e não penso em sair daqui tão cedo [...]. (B.4 – 22 anos)

[...] pretendo continuar trabalhando aqui [...]. (B.5 – 16 anos)

[...] não acho que na pandemia ficou mais difícil arrumar um trabalho [...] basta você querer [...] tem bastante gente aí não querendo, igual a gente estava parado, correu atrás e agora ta trabalhando [...] por um lado ta difícil, por outro lado se você querer e tiver disposição você consegue [...]. (B.7 – 17 anos)

A partir do exposto, é possível afirmar que o sistema propaga o discurso de que o trabalhador terá “autonomia”, “flexibilidade” e poderá ser gestor do seu “próprio negócio” estando no setor informal, bem como, fortalece a idéia do “empreendedorismo”. Com isso, pode-se observar a partir das falas dos *bikes boys* que os mesmos pactuam com esse discurso, dessa forma, o capital continua a mascarar o alto índice de desemprego e a supressão das políticas trabalhistas.

### **Considerações finais**

O presente artigo teve como intuito discorrer acerca do trabalho informal, em especial, no período pandêmico. Tendo como objetivo principal apresentar os impactos da pandemia da Covid-19 para os trabalhadores informais no Brasil, visto que, as relações de trabalho sofreram grandes transformações com a chegada do novo coronavírus. Com isso, pode-se observar que os mais afetados foram aqueles que não possuíam nenhum respaldo trabalhista, que precisaram se ajustar aos moldes da informalidade a fim de sobreviverem e que se encontram cada vez mais expostos a instabilidade, terceirização, intermitência e a precarização.

A partir do levantamento bibliográfico, pôde-se constatar que o tema trabalho informal tem sido um tema cada vez mais discutido por autores da área por ser tratar de um tema relevante, principalmente, na atual conjuntura. No entanto, ao relacioná-lo com a pandemia da Covid-19 nota-se que ainda não há tantos artigos e monografias que retratam sobre essa relação, dado que ainda é algo muito recente e perspectivas são diversas.

No que se refere a pesquisa de campo, foram encontradas algumas dificuldades para a realização da mesma. Posto que nem todos os *bikes boys* possuíam um local de encontro tornou-se um pouco difícil localizá-los, o que levou alguns dias a mais para a concretização desta pesquisa de opinião. Vale sinalizar também que, ao realizar a pergunta aos entregadores foi perceptível a dificuldade dos mesmos em compreendê-la, assim, foi necessário fazer intervenções no decorrer do dialogo para que pudessem expor suas experiências.

Com a pandemia da Covid-19 as relações de trabalho que antes já eram precarizadas e inflexíveis se acirraram ainda mais, assim como, houve um aumento significativo no desemprego e conseqüentemente o número de trabalhadores informais também cresceu. Todavia, não foi a pandemia a responsável por causar essas mudanças no mundo do trabalho, pois o que ela fez foi desvendar e potencializar o modo como o capitalismo já vinha se desenvolvendo neste século (ANTUNES, 2020). Assim, compreende-se a crise da Covid-19 ao relacioná-la com a crise do neoliberalismo (KOURY, 2020), pois trata-se de uma política que atua em prol da consolidação e expansão do capitalismo financeiro, esta que coopera para a intensificação da informalidade.

Mesmo que o novo coronavírus não faça distinções entre os infectados pela doença, os impactos causados aos trabalhadores informais não pode ser comparado a aqueles que continuaram em seus postos de trabalho tendo seus direitos assegurados. Uma vez que, o trabalhador não tem as suas garantias trabalhistas, ele precisa se colocar em risco para que tenha minimamente uma renda para sobreviver (BORBA e D'ANGELO, 2020). Cerca de 11,4 milhões de pessoas adaptaram as plataformas digitais e aplicativos devido ao desemprego, contudo, é com o crescimento dessas tecnologias que ocorre a ampliação do trabalho morto, ou seja, do trabalho maquinário e digital (ANTUNES, 2020).

Com base nos relatos dos entrevistados pode-se observar que a grande inserção no trabalho informal se deu por conta do desemprego, uma vez que, não há oportunidades de emprego com direitos e garantias trabalhistas. Assim, a informalidade vem se tornando um meio de sobrevivência para estes trabalhadores. Com isso, as empresas uberizadas tomam proporções cada vez maiores, já que, são de fácil acesso e atende aqueles que estão à procura de qualquer fonte de renda, mesmo que esta seja precária e instável (ANTUNES, 2020).

Certifica-se que a construção desta pesquisa é de grande importância, em especial para o setor acadêmico do Serviço Social, bem como, a outros cursos, estudantes, professores, profissionais, etc. Tendo em vista que, trata-se de um tema pertinente e que engloba diversas áreas de estudo, desse modo, será relevante para toda a sociedade de modo geral.

Uma vez que, houvesse mais tempo e recursos para a construção deste estudo, seria elaborado mais perguntas a serem feitas durante a pesquisa de opinião, tal como, entrevistaria um número maior de entregadores. Da mesma maneira que, realizaria mais leituras e análises de autores que discutem a temática.

## Referências

ALVARES, Lais B. O., et al. Auxílio Emergencial: a necessidade de transferir renda para a população vulnerável. **Medidas de Emergência na Administração Pública**. Org. Antonio Gasparetto Júnior. Ed. Pantanal. p. 31-40. set./out. 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: O trabalho sob fogo cruzado**. 1. Ed. São Paulo. Boitempo. 2020.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 119.

\_\_\_\_\_. **Pandemia desnuda perservidades do capital contra trabalhadores**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-DW1GSqNMg>. Acesso em: 23 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II. **Revista Sociologia del Trabajo**. n. 74. 2012.

\_\_\_\_\_. **Trabalho remoto e a precarização do ensino**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hoc-XwKQ7kg&t=3591s>. Acesso em: 1 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **A cidadania negada**: Políticas de exclusão na educação e no trabalho. Buenos Aires: Clacso, 2015. p. 35-48.

ARBIA, Alexandre Aranha. Análise das políticas para o trabalho no Brasil: como Marx pode contribuir?. **Revista Katálysis**. Florianópolis, v.22, n°. 1, p. 36-56, jan./abr. 2019.

BARÃO, Naike. **Entenda o trabalho informal no Brasil e no mundo**. Politize. Out. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/trabalho-informal/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

BESERRA, Maria dos Remédios; et al. **Neoliberalismo e seus impactos no mundo do trabalho**: transformações e desafios frente a informalidade. VII Jornada de Políticas Públicas – Para além da crise global: experiências e antecipações concretas. 2005.

BORBA, Camila.; D'ANGELO, Isabele. Ainda mais vulneráveis: um estudo comparado da questão do covid-19 e dos trabalhadores migrantes e informais no Brasil e em Portugal. **Revista Espaço Acadêmico**. n°. 222, p. 258-269. maio/jun. 2020.

BUSNELLO, Ronaldo. **Restruturação produtiva e flexibilização dos direitos trabalhistas**. [s/d]. Disponível em: file:///C:/Users/Eliane/Downloads/800-Texto%20do%20artigo-3178-1-10-20130331.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

COSTA, Márcia da Silva. **Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira**. Caderno CRH. Salvador. v. 23, n° 58. p. 171-190. jan/abr. 2010.

ESTADO DE MINAS. **Tudo sobre o coronavírus – Covid-19: da origem à chegada ao Brasil**. Mar. 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna\\_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml). Acesso em: 10 maio 2021.

FARIA, José Henrique de.; KREMER, Antonio. **Reestruturação produtiva e precarização do trabalho: o mundo do trabalho em transformação**. 41. ed. Curitiba: REAd, 2004.

IBGE. **Números de desempregados chega a 14,1 milhões no trimestre até outubro**. Estatísticas Sociais. Dez. 2020. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/29782-numero-de-desempregados-chega-a-14-1-milhoes-no-trimestre-ate-outubro.html>. Acesso em: 14 Jun. 2021.

KOURY, Mouro Guilherme P. Antropologia e situações-limites: Neoliberalismo e pandemia. **Revista Dilemas**. Rio de Janeiro. Reflexões na pandemia. p. 1-8. 2020.

LIMA, Ludmila Moreira. Não estamos todos no mesmo barco: Pensando trabalho, precariedade e vulnerabilidade em tempos de pandemia. **Revista Dilemas**. Rio de Janeiro. Reflexões na pandemia. p. 1-9. 2020.

LOYOLA, Ricardo G. Valor e mais-valia: examinando a atualidade do pensamento econômico de Marx. **Revista Argumentos**. N° 2. p. 130-138. mar./jun. 2009.

MELO, Ludmila Moreira. Não estamos todos no mesmo barco: Pensando trabalho, precariedade e vulnerabilidade em tempos de pandemia. **Revista Dilemas**. Reflexões na pandemia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. P. 1-9. 2020.

MORAES, Isabela. **Mais valia: o conceito central da teoria marxista.** Politize. Jul. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/mais-valia/>. Acesso em: 15 maio 2021.

NETTO. José Paulo. **O que é trabalho para Marx.** Youtube. Disponível em: : <https://www.youtube.com/watch?v=jWamCheyxKM&t=2s>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SABINO, Mariana C. S. Fundamentos Ontológicos do trabalho em Marx: trabalho útil – concreto e trabalho abstrato. **Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade Beira Interior.** Alagoas. p. 135-148. 2014.

PRATES, Ângela Maria M. C. Uma reflexão sobre a emancipação pelo mundo do trabalho numa nova sociabilidade. **Revista Serviço Social.** Londrina.v. 16, nº 2, p. 186-203, jan./jun. 2014.

TAVARES, Maria Augusta. Trabalho Informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista. **Revista Outubro.** nº. 7, p. 49-60. 02/2002.

VASCONCELOS, Emanuelle Alcía Santos de. TARGINO, Ivan. A informalidade no mercado de trabalho brasileiro: 1993 – 2013. **Revista da ABET.** v. 14, nº 26. p. 141-160, jan./jun. 2015.